

## **A escolha do parceiro no Brasil: educação, raça e religião**

**Palavras chave:** escolha do parceiro, religião, raça e educação

### **Autoras:**

Maysa de Medeiros Pereira Abdo (Cedeplar/UFMG)

Marina Cavaliéri Gomes (Cedeplar/UFMG)

Ana Paula de Andrade Verona (Cedeplar/UFMG)

## **A escolha do parceiro no Brasil: educação, raça e religião**

### **RESUMO**

O objetivo desse artigo é explorar as mudanças na importância relativa da religião, da raça e da educação na escolha do parceiro no Brasil entre os anos de 2000 e 2010, considerando as mudanças pronunciadas observadas nesse período. Foram usados dados do censo demográfico para ambos os anos, e a amostra foi reduzida de maneira a incluir apenas mulheres entre 15 e 35 anos, que estão em algum tipo de união, formal ou informal, e seus companheiros. Foi utilizado o modelo log-linear que permite explorar as relações mais complexas entre as variáveis consideradas. A mudança na declaração de raça foi muito pronunciada, tendo uma redução no número de pessoas declaradas brancas e um aumento proporcional a essa redução de pessoas que se declararam como pretas e pardas. Aumentou a chance de ambos os parceiros serem brancos ou pretos e reduziu entre os pardos. Em relação à religião, observou-se um aumento de evangélicos pentecostais e uma redução de católicos, porém houve um aumento da chance de uma união homogâmica, em especial entre pessoas de ambas as religiões. Já as mudanças na educação, houve um aumento da proporção de casais em que ambos possuíam nível médio. Além disso, houve um aumento de mulheres com um nível educacional maior do que a do companheiro. Apesar do aumento do nível educacional, houve uma redução da chance de estar em uma união homogâmica.

# **A ESCOLHA DO PARCEIRO NO BRASIL: EDUCAÇÃO, RAÇA E RELIGIÃO**

## **1. INTRODUÇÃO**

O Brasil vem experimentando nas últimas décadas mudanças sociais pronunciadas. O país tem uma história única em termos das relações de raça, apresentando mudanças recentes e relevantes nessas relações. No campo da religião, o Brasil vem deixando de ser uma população predominantemente católica, passando a ser uma nação cristã mais heterogênea, sendo que o número de brasileiros evangélicos pentecostais e sem religião também tem aumentado. Além disso, as melhorias na educação brasileira nas últimas décadas são notáveis, resultando em aumento da escolaridade feminina, principalmente. (HEATON; MITCHELL, 2012).

Entre 1970 e 2000, houve uma expansão do sistema educacional no Brasil, passando a incluir pessoas de todas as classes, tornando o sistema heterogêneo. Schwartzman (2007) citado por Heaton e Mitchell (2012), mostra que a escolaridade aumentou no Brasil e o nível superior substituiu o médio como a classe social primária. Provavelmente essas melhorias na educação brasileira devem ter aumentando as preferências das pessoas pela escolaridade na escolha do parceiro, podendo ter levado a um aumento da homogamia. (ESTEVE; MCCA, 2007; HEATON; MITCHELL, 2012).

Quanto ao contexto racial no Brasil, este é complexo e é fruto da colonização portuguesa e da vinda de escravos africanos na época da colonização. No final do século XIX a população era amplamente constituída de uma mistura de ancestrais, de miscigenações e uma gama de espectro de cor de pele. No século XX também houve imigrações asiáticas, entre outras, para o Brasil, o que diversificou ainda mais o contexto racial. (HEATON; MITCHELL, 2012).

De acordo com Bailey (2004) citado por Heaton e Mitchell (2012), no Brasil nunca existiu sanções formais contra casamentos inter-raciais desde a abolição da escravatura nos anos 1800, mas isso não significa que não há racismo. E segundo Degler (1986) e Telles (2004), também citados por Heaton e Mitchell (2012), devido a esse contexto histórico citado, o casamento inter-racial é algo comum, apesar de que casamentos entre negros e pardos ser mais comum do que entre negros e brancos. E no século XX, importantes transformações ocorreram no contexto racial brasileiro, além do casamento

entre raças aparentar ser mais aceitável do que há duas décadas, os brasileiros parecem reconhecer melhor problemas sociais e a maioria parece ser a favor de políticas afirmativas. Diante desse cenário Heaton e Mitchell (2012) dizem que é de se esperar o declínio da endogamia racial no Brasil.

A homogamia religiosa no Brasil é historicamente alta. A religião católica foi predominante no país até 1970, na qual possuía um forte apelo social, com grande parte das pessoas se dizendo católicos, mas não eram praticantes. A partir de 1990 houve crescimento e atuação das igrejas evangélicas, principalmente as pentecostais. O número de protestantes cresceu consideravelmente, chegando a equiparar com a proporção de católicos no censo de 2010. (HEATON; MITCHELL, 2012).

A endogamia religiosa tende a se manter alta, devido à maneira com que os protestantes se comportam. Esses parecem se afastar do resto da sociedade e possuem sanções ao casamento com alguém de outra religião. As teorias de mudança na endogamia religiosa assumem que as sociedades tendem a ser menos religiosas e mais seculares, diminuindo a importância da religião na escolha do parceiro, e conseqüentemente, diminuindo a homogamia religiosa, o que parece contradizer o contexto brasileiro. (HEATON; MITCHELL, 2012).

Ao analisar questões como a escolha do parceiro e a hipergamia, não se pode deixar de mencionar as mudanças de gênero que vêm ocorrendo. Esteve, García-román e PermAnyer (2012) mencionam a expansão das oportunidades de acesso à educação no mundo, que teria sido acompanhada do declínio de diferenciais de gênero. Além disso, esses autores observam que em alguns países desenvolvidos e em desenvolvimento, as mulheres estão atingindo níveis de escolaridade até mesmo superiores aos dos homens.

Por trás dessa mudança relacionada à educação, estão diversos outros fatores, como a expansão da ideologia das escolhas individuais, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, e possíveis mudanças da especialização do trabalho por gênero. E essas mudanças dos papéis dos homens e mulheres em uma união e também todas as mudanças citadas anteriormente, podem interferir na importância relativa das características sociais na escolha do parceiro. (GOLDIN, 2006; GOLDIN, 1983; HEATON; MITCHELL, 2012).

De acordo com Heaton e Mitchell (2012), quando as oportunidades no mercado de trabalho se tornam mais ligadas ao capital humano e menos específicas por gênero, o nível de escolaridade se torna uma característica mais atrativa na escolha do companheiro, sendo que a raça passa a ser um atributo menos relevante na escolha do parceiro. E à medida que a tolerância religiosa aumenta e se torna mais um problema de escolha pessoal do que uma tradição familiar ou da comunidade, provavelmente essa também se torna uma característica menos importante na escolha do parceiro. (HEATON; MITCHELL, 2012).

Assim, considerando os aspectos mencionados, o objetivo do artigo a ser desenvolvido é explorar as mudanças na importância relativa da religião, da raça e da educação na escolha do parceiro no Brasil entre os anos de 2000 e 2010.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. Escolaridade e questões de gênero na escolha do parceiro**

De acordo com a teoria desenvolvida por Becker (1981), os indivíduos escolhem o seu parceiro de forma que os recursos de ambos sejam. Nessa teoria presume-se que as mulheres enfrentam custos de oportunidade menores nos trabalhos domésticos do que os homens, o que leva provavelmente à especialização das mulheres na esfera doméstica e os homens na esfera do mercado de trabalho. Porém, o aumento da independência econômica feminina transforma a especialização do trabalho por sexo no casamento menos vantajoso.

De maneira semelhante, segundo Sweeney (2002), citado por Quian e Quian (2014), as mulheres mais educadas em comparação com as menos educadas são mais direcionadas ao capital humano e têm maior potencial de ganho, o que significa que para essas mulheres pode ser menos benéfico se casar. Para Esteve e McCaa (2007) a teoria de Becker também enfrenta desafios com o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, a expansão da educação e a redução das diferenças de gênero na educação.

England (2010) fala das mudanças que ocorreram desde 1960 nas questões de gênero. Na Revolução de Gênero os empregos femininos aumentaram consideravelmente, o controle da natalidade se tornou amplamente disponível, as mulheres alcançaram os homens e até mesmo ultrapassaram eles nas taxas de graduação na universidade, vários tipos de discriminações de gênero no emprego e na educação se tornaram ilegais, as

mulheres entraram para ocupações que antes eram dominadas pelos homens e também mais mulheres foram eleitas para cargos políticos.

De acordo com Oppenheimer (1988) citado por Esteve e McCaa (2007), o aumento da independência econômica das mulheres tende a impactar na seleção do parceiro, uma vez que o nível de exigência delas aumenta, atrasando se necessário a idade da união até encontrar um candidato apropriado. E essa mudança afeta a assimetria (heterogamia) entre homens e mulheres em relação as suas preferências na escolha do parceiro. Ambos os sexos enfrentam o matrimônio em um cenário de incertezas ligadas à transição à vida adulta e as perspectivas incertas da carreira. No meio de tantas incertezas, a escolaridade é uma excelente referência na seleção dos candidatos.

Esteve e McCaa (2007) ressaltam que a expansão e maior permanência no sistema educacional, resultam em uma maior homogamia educacional. As instituições de ensino são então excelentes mercados matrimoniais, pois nelas se encontram pessoas de ambos os sexos, de mesmas idades e de ambições semelhantes. Se o adiamento do casamento é um resultado de maior permanência no sistema educacional, a homogamia educacional aumenta entre aqueles dos grupos que permanecem um período maior no sistema.

Existe um consenso crescente na literatura quanto à escolha do parceiro, que tende a ser baseada em características similares. A expansão da educação e o desenvolvimento econômico conferem à escolaridade um papel primordial nas preferências conjugais. Sendo que nas sociedades contemporâneas a escolha do parceiro é um ato eminentemente voluntário, há então uma redução da influência da família, da igreja e do estado na escolha das uniões. Mas a posição social e o local de residência ainda exercem influência nessa escolha e limita a oferta de potenciais candidatos para se unir. (ESTEVE; MCCAA, 2007).

A expansão da educação e as mudanças das desigualdades provavelmente influenciam a homogamia educacional, mas essa se dá de formas diferentes ao longo da distribuição educacional. No Brasil, por exemplo, Schwaetzman (2007) citado por Heaton e Michell (2012), diz que as pessoas tendem a se atrair por outras de níveis educacionais adjacentes. E esse padrão costuma resultar em uma maior homogamia para aqueles das duas extremidades do espectro educacional, pois esses dois grupos apenas têm uma direção na escolha além do seu próprio nível educacional.

Dessa forma, segundo Esteve e McCaa (2007), nos níveis educacionais intermediários costuma ter menor homogamia, uma vez que se pode escolher o parceiro de nível inferior ou superior de educação. Os autores ainda ressaltam que há evidências de que enquanto a homogamia educacional se manteve estável nas últimas décadas para os grupos de menor escolaridade, essa tem aumentado para os grupos de educação superior e a heterogamia é mais comum do que a homogamia nos níveis de escolaridade intermediária.

## **2.2. Religião e escolha do parceiro**

A religião Católica sempre constituiu a maioria hegemônica no Brasil. Entre os Católicos a maioria continua sendo composta pelos Católicos tradicionais, incluindo aqueles que frequentam a igreja esporadicamente (principalmente em ocasiões especiais como batizados, casamentos e funerais) e aqueles que a frequentam regularmente. Mas a maioria dos Católicos tradicionais mantém a religião apenas como uma forma de identidade social. (PIERUCCI; PRANDI, 2000).

Há também outro grande grupo de Católicos no Brasil que vivem o Catolicismo de acordo com sua reorientação pessoal, esses são os Católicos de Comunidades de Base Cristã, o Movimento Carismático Católico Renovado, as Equipes de Nossa Senhora, os Encontros de Casais com Cristo, Grupos de jovens, e tantos outros movimentos e associações de caráter regional e local, de pastorais e organizações. Esses se diferem dos Católicos tradicionais devido ao fato de que a religião é para eles uma escolha, na qual os valores e atitudes são explícitos, enquanto os Católicos tradicionais apenas seguem a religião na qual foram criados. (PIERUCCI; PRANDI, 2000).

Os evangélicos, por sua vez, são usualmente classificados em dois grandes grupos, sendo eles os Protestantes históricos e os Pentecostais. Os Protestantes históricos são representados pelas igrejas reformadas de origem europeia e norte-americana, e essas existem no Brasil desde o século XIX. A tradição desse primeiro grupo de evangélicos costuma passar de geração para geração, sendo as suas principais denominações Luteranas, Batistas, Presbiterianas, Metodistas, Episcopal e Congregacional. (PIERUCCI; PRANDI, 2000).

Os Evangélicos Pentecostais têm sua origem no revivalismo Protestante nos Estados Unidos, e eles são conhecidos pelos seus grandes esforços para converter os mais

pobres e necessitados. As formas de trabalho dos Pentecostais são amplamente centradas no apelo emocional, sendo as suas principais denominações a Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular. (PIERUCCI; PRANDI, 2000).

E mais recentemente surgiram as igrejas chamadas de Neo-Pentecostais. Sendo essas especializadas no uso da televisão, buscando atrair a massa, em amplos espaços, concentrando enfaticamente no exorcismo, fazendo pregações e disseminando a Teologia da Prosperidade. As principais igrejas fundadas no Brasil foram a Brasil para Cristo, a Casa de Louvor, a Nova Vida, A Deus é Amor, A Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça Divina e a Ressurreição em Cristo. Essas várias denominações vêm se desdobrando e formando um grande número de igrejas menores. (PIERUCCI; PRANDI, 2000).

As religiões até então citadas são as principais, representando a maior parte da população brasileira. Mas existem diversas outras religiões, como o Espiritismo, o Afro-Brasileiro, o Judaísmo, o Budismo, o Adventismo, os Testemunhas de Jeová, os Mórmons e tantas outras. (PIERUCCI; PRANDI, 2000).

A grande predominância do catolicismo até os anos 1970 contribuía para a alta homogamia religiosa. Houve um grande aumento da atuação das igrejas evangélicas, principalmente as pentecostais no Brasil nos últimos anos, e a partir de 1990, o número de protestantes cresceu consideravelmente, chegando a equiparar com a proporção de católicos no censo de 2010. (HEATON; MITCHELL, 2012).

Cabe ressaltar que apesar de ter aumentado a proporção de evangélicos e assim ter reduzido a de católicos, o comportamento dos protestantes possivelmente contribuiu para que a endogamia continue elevada. Os protestantes, principalmente os Pentecostais, parecem se afastar da sociedade e, além disso, possuem sanções ao casamento com alguém de outra religião. (HEATON; MITCHELL, 2012).

As teorias da mudança na endogamia religiosa assumem que as sociedades têm caminhado para ser menos religiosas e mais seculares, diminuindo a importância da religião na escolha do parceiro, e conseqüentemente, diminuindo a homogamia religiosa. Mas no Brasil, mesmo com a mudança do contexto religioso, a maioria das pessoas ainda declaram ser religiosas, mas o número de pessoas que declaram não ter

nenhuma religião vem aumentando. E esse aumento dos sem religião pode sugerir o declínio da importância da identidade religiosa e da religião na escolha do parceiro. (HEATON; MITCHELL, 2012).

### **2.3. Raça e escolha do parceiro**

O terceiro aspecto a ser considerado nesse estudo para a escolha do parceiro é a raça. Em vários países como nos Estados Unidos, por exemplo, a homogamia racial é muito comum, mas no Brasil parece que isso é menos pronunciado. A clássica dicotomia entre brancos e negros não é vista no país, onde a classificação racial é muito heterogênea, reconhecendo a ascendência mista da população. A cultura brasileira dá maior ênfase à cor da pele ao declarar a raça em comparação à identidade visual e a história da família. (HEATON; MITCHELL, 2012).

Dentro de uma mesma família é possível que os seus membros sejam classificados com diferentes raças, o que leva a uma grande complexidade ao estudar o tema, além de haver uma forte influência da estrutura de classe social. Porém isso não significa que o país não tenha preconceito, mas apenas que as sanções sociais e as preferências não sejam tão acentuadas como em outros locais. (HEATON; MITCHELL, 2012).

A complexidade do contexto racial brasileiro pode ser resultado das imigrações do passado que levaram às miscigenações (HEATON; MITCHELL, 2012). A denominação parda seria um resultado dessa diversificação, e em termos de homogamia racial, os pardos seriam como uma categoria intermediária entre negros e brancos. Além disso, é importante ressaltar que existe uma forte relação entre composição racial e status socioeconômico, onde pardos e negros parecem se casar com maior frequência à medida que seu status aumenta (SCHWARTZMAN, 2007).

Segundo Heaton e Mitchell (2012), a distribuição racial no Brasil entre 1980 e 2000 permaneceu quase inalterada, porém, entre 2000 e 2010 esta sofreu uma mudança importante de ser observada. Houve uma redução de pessoas que se declararam brancas e um aumento equivalente a essa redução das pessoas que se declararam pardas. Pode-se supor que a abordagem das desigualdades raciais aumentou a relevância da raça como uma identidade social, e por isso é possível esperar que haja um aumento da endogamia racial.

Por outro lado, Heaton e Mitchell (2012) citam alguns estudos (Telles, 2004; Bailey, 2004) que mostraram as transformações que ocorreram no contexto racial no Brasil e que possivelmente foram responsáveis pelas mudanças na distribuição da raça. O reconhecimento da existência de problemas raciais e o posicionamento favorável das políticas afirmativas parecem ter impactado positivamente a aceitação do casamento entre pessoas de grupos raciais distintos. Sendo assim, nota-se que ocorreram mudanças de valores e atitudes que alteraram as preferências, e dessa forma é de se esperar que a endogamia racial diminua.

### **3. METODOLOGIA**

Os dados para esse estudo foram obtidos através do site do IPUMS (Integrated Public Use Microdata Series), que disponibiliza dados censitários de vários países. Os anos escolhidos para a análise foram 2000 e 2010. Foram incluídos mulheres e seus parceiros, estejam eles casados formalmente ou coabitando, pois no Brasil, esse tipo de união é amplamente aceito socialmente. Seguindo outros estudos, a amostra foi limitada a casais onde cada pessoa tenha de 15 a 35 anos.

As variáveis utilizadas foram divididas em categorias. Raça foi classificada como branca, parda, preta e outras, seguindo a classificação fornecida pelo Censo. A educação possui 5 categorias: sem instrução ou fundamental incompleto (0 a 7 anos de estudo); fundamental completo ou médio incompleto (8 a 10 anos de estudo); médio completo ou superior incompleto (11 a 14 anos de estudo); superior completo (15 anos de estudo ou mais); não determinado. A religião possui 5 categorias: católicos, protestantes históricos, pentecostais e sem religião. Essas categorias não abrangem a complexidade de religiões existentes no Brasil, considerando que é uma pergunta aberta e as respostas serem codificadas de maneira diferente entre os anos, porém foi mantida essa divisão para manter a comparabilidade entre os anos analisados. Além disso, a categoria outras religiões foi omitida, devido à grande heterogeneidade existente dentro dessa.

É importante ressaltar que o Censo não permite acompanhar a trajetória matrimonial das pessoas, pois usa a data de referência para resposta sobre a união e não o momento em que essa ocorreu. Além disso, as características de todos os membros da família são reportadas por uma pessoa, o que pode gerar algum erro.

O método mais comumente utilizado para analisar casamento entre pessoas com características diferentes é o modelo log-linear. Esse modelo permite a inclusão de variáveis que captam o efeito marginal das características do homem e da mulher, ou seja, ele considera a composição da amostra, podendo explorar relações mais complexas entre as variáveis.

De forma a considerar a distribuição marginal das características do homem e da mulher, a seguinte equação básica do modelo saturado foi utilizada para cada ano:

$$\begin{aligned} \log F_{ijklmn} = & \beta_0 + \beta_i^{HE} + \beta_j^{ME} + \beta_k^{HR} + \beta_l^{MR} + \beta_m^{HL} + \beta_n^{ML} + \beta_{ik}^{HEHR} + \beta_{im}^{HEHL} \\ & + \beta_{km}^{HRHL} + \beta_{jl}^{MEMR} + \beta_{jn}^{MEML} + \beta_{ln}^{MRML} + \beta_{ik}^{HEHRHL} + \beta_{jln}^{MEMRML} \end{aligned}$$

Onde  $F_{ijklmn}$  é o número esperado de casamentos entre homens com nível educacional  $i$ , raça  $k$  e religião  $m$  e mulheres com nível educacional  $j$ , raça  $l$  e religião  $n$ . H se refere aos homens e M às mulheres. E, R e L se referem respectivamente à educação, raça e religião. Esse modelo base inclui associações entre as categorias dos homens e entre as características das mulheres, porém não faz associação entre as características dos homens e das mulheres. Por isso, foram criadas variáveis dummies de homogamia para educação, raça e religião, por exemplo, 1 se o nível de escolaridade da mulher e do seu parceiro são iguais e 0 caso contrário. Além disso, foi rodado um segundo modelo no qual se inseriu uma variável dummy para cada categoria de educação, raça e religião, por exemplo, 1 se a mulher e o parceiro possuem nível educacional superior e 0 caso contrário.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Analisando os dados da nossa amostra referente aos anos 2000 e 2010, verifica-se que o casamento formal reduziu em aproximadamente 25% entre esses dois anos e as demais formas de casamento também reduziram. De maneira contrária, as uniões consensuais aumentaram cerca de 20%, representando aproximadamente 55% do total das uniões em 2010. Isso significa que as uniões consensuais superaram os casamentos formais entre as pessoas de 15 a 35 anos no Brasil.

Analisando as mudanças que ocorreram na escolaridade dessas pessoas em análise entre os anos 2000 e 2010, nota-se que nesse período houve aumento da escolaridade feminina e masculina. Observa-se que houve um declínio marcado para ambos os sexos

(mais acentuado para as mulheres) da porcentagem de pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto, percentual esse que era maior para homens do que para mulheres no ano 2000 e também no ano 2010. Verifica-se que a porcentagem de homens e de mulheres com ensino fundamental completo e ensino médio incompleto aumentou nesse mesmo período, a porcentagem de homens e de mulheres com ensino médio completo ou ensino superior incompleto também aumentou, assim como a porcentagem de pessoas com ensino superior completo.

A porcentagem de mulheres com ensino fundamental completo ou médio incompleto era parecida com a de homens tanto no ano 2000 quanto em 2010, enquanto a porcentagem de mulheres com ensino médio completo e superior incompleto era maior do que a de homens tanto em 2000 quanto em 2010. E, quanto ao nível superior completo, no ano 2000 a porcentagem de homens com esse nível de escolaridade era um pouco maior do que a de mulheres, porém em 2010 as mulheres superaram os homens nesse nível de escolaridade. Ou seja, na nossa amostra, no ano 2010, o nível de escolaridade feminino era maior do que o masculino.

Quanto à religião, é possível verificar que a população brasileira de 15 a 35 anos é composta majoritariamente de católicos, porém essa categoria reduziu entre os anos 2000 e 2010, sendo que em 2010 ela correspondia a aproximadamente 63% dessa amostra, e as demais categorias aumentaram. A porcentagem de evangélicos e de dos seguidores de outras religiões aumentou nesse período de dez anos, sendo que em 2010 os evangélicos correspondiam a quase 23% das pessoas desse grupo etário, e a porcentagem dos que se declararam como sem religião também aumentou, porém proporcionalmente menos do que os evangélicos.

Observa-se que o grupo dos evangélicos era composto majoritariamente pelos Pentecostais, que foram responsáveis por maior parte do aumento do grupo dos evangélicos entre os anos 2000 e 2010. Entre os Protestantes Históricos, o outro grupo de evangélicos, o aumento foi um pouco menos expressivo nesse mesmo período. A porcentagem de homens católicos era maior do que a de mulheres em ambos os anos, enquanto nos demais grupos religiosos as mulheres superaram os homens em participação em ambos os anos. E no grupo dos que se declararam não ter religião, a porcentagem de homens é maior do que a de mulheres tanto em 2000 quanto em 2010.

Ao cruzar cada uma das variáveis em análise com a natureza da união, percebe-se que além da união consensual ser o tipo de união que mais aumentou ao longo da década analisada para os integrantes da amostra, também apresentou variações na composição das características das pessoas que optaram por esse tipo de união. Apesar das pessoas com menor nível de instrução serem as que mais se unem informalmente, em 2010 aumentou a proporção de pessoas de todos os outros níveis de instrução. Dentre aqueles que possuem ensino superior completo, a mudança na escolha da união é a que mais chama atenção. Em 2000, cerca de 70% dos homens e mulheres mais escolarizados optaram pelo casamento civil e religioso, e em 2010, esse valor reduziu para pouco menos de 55%. A união consensual das pessoas com nível superior completo teve um aumento de mais de 10% e as de nível médio completo e superior incompleto quase dobrou – passou de aproximadamente 23% para 44%.

Em relação à religião, é importante observar que existe uma diferença entre os sexos, sendo que a maioria dos Pentecostais são mulheres e a maioria dos católicos são homens. Observa-se que os homens Católicos e os que se declararam sem religião optaram mais pela união informal do que as mulheres da mesma religião. Já entre os Pentecostais, as mulheres foram as que mais se uniram informalmente. Os Católicos foram os que mais apresentaram variação em relação ao tipo de união. Em 2000, a maior parte deles era casada tanto no civil quanto no religioso e em 2010, a maioria estava em união consensual. É possível observar o mesmo comportamento entre os pentecostais, porém, em proporção muito menor.

Por fim, ao analisar a natureza da união por raça da nossa amostra, percebe-se que os brancos e pardos foram maioria entre os que escolheram o casamento civil e religioso e também a união consensual. Os brancos tiveram um aumento considerável da proporção de pessoas que optaram pela união informal. Além disso, os indivíduos brancos tiveram uma redução de mais de 20% no casamento civil e religioso. Os pardos tiveram um comportamento semelhante, mas em 2000 a participação deles nas uniões consensuais já era alta e maior do que das demais raças. E os negros, por sua vez, já tinham em 2000 uma maior proporção de pessoas em união informal e essa também aumentou na década analisada.

Na análise das tabelas a seguir deve-se levar em consideração a composição da população por características, as quais foram analisadas anteriormente. A tabela 1, por

exemplo, traz informações da religião das mulheres e de seus companheiros. Como a porcentagem de pessoas católicas na nossa amostra é bem maior do que das demais religiões (maior disponibilidade de católicos em relação às demais religiões), é de se esperar que exista uma maior homogamia entre mulheres católicas do que entre mulheres de outras religiões.

**Tabela 1- Religião das mulheres que estavam unidas e dos seus parceiros nos anos 2000 e 2010**

Religião Mulher (%)	Religião Homem (%)							
	Católica		Histórico protestante		Pentecostal		Sem religião	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Católica	93,97	93,96	0,60	0,59	1,36	2,33	4,07	3,12
Histórico protestante	20,13	16,83	67,78	71,50	1,87	2,70	10,22	8,97
Pentecostal	19,48	15,23	0,57	0,50	68,74	75,59	11,21	8,68
Sem religião	15,91	8,56	1,06	0,76	4,09	4,06	78,94	86,62

**Fonte: Elaborado pelas autoras com dados do Censo Demográfico**

Observa-se na tabela 1 que em ambos os anos a maioria das mulheres estava em uma relação homogâmica quanto à religião. As mulheres católicas foram as que mais escolheram um parceiro da mesma religião, sendo que no ano 2000 93,97% das mulheres católicas de 15 a 35 anos que estavam em algum tipo de união tinham um parceiro que também era católico e em 2010, esse percentual se manteve basicamente inalterado (93,96%). Esse é um achado interessante, uma vez que a proporção de católicos de ambos os sexos reduziu na população. O aumento da homogamia religiosa entre mulheres pentecostais e também entre as histórico-protestantes pode estar relacionado ao aumento do número de pessoas nesses grupos religiosos.

**Tabela 2 - Raça das mulheres que estavam unidas e dos seus parceiros nos anos 2000 e 2010**

Raça Mulher (%)	Raça Homem (%)							
	Branca		Preta		Parda		Outras	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Branca	71,12	68,51	4,08	5,52	24,35	25,36	0,45	0,61
Preta	28,09	25,34	46,40	48,45	24,90	24,70	0,61	1,51
Parda	26,88	22,70	5,64	6,78	67,16	69,66	0,32	0,86
Outras	27,74	19,89	5,04	9,69	19,04	31,01	48,18	39,41

**Fonte: Elaborado pelas autoras com dados do Censo Demográfico**

Na tabela 2, por sua vez, nota-se que a homogamia por raça também é bem marcada tanto para mulheres brancas, quanto para mulheres pretas, e pardas, nos anos 2000 e 2010. A porcentagem de mulheres brancas que estavam em uma união homogâmica no ano 2000 (71,12%) superou as mulheres das demais raças que estavam em algum tipo de união. Já em 2010 68,51% das mulheres brancas que eram unidas estavam em uma união homogâmica, ou seja, houve uma redução do percentual de mulheres dessa raça que estavam em união com homens da mesma raça. Quando analisamos as mulheres pardas, observa-se que no ano 2010 essas eram as que mais estavam em uniões homogâmicas (69,66%), sendo que em 2000 67,16% das mulheres dessa raça estavam unidas com homens do mesmo grupo racial. Mas esses resultados devem considerar as mudanças na declaração por raça, ressaltadas por HEATON e MITCHELL (2012), de redução das pessoas que se declararam brancas e de aumento equivalente das pessoas que se declararam pardas e pretas.

**Tabela 3 - Escolaridade das mulheres que estavam unidas e dos seus parceiros nos anos 2000 e 2010**

Educação Mulher (%)	Educação Homem (%)							
	Sem instrução/ Fund. incomp.		Fund. comp./ Médio incomp.		Médio comp./ Sup. incomp.		Superior completo	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Sem instrução/ Fund. incomp.	80,58	72,33	12,83	15,93	6,27	11,20	0,33	0,54
Fund. comp./ Médio incomp.	46,20	37,14	31,31	37,76	21,17	23,37	1,32	1,72
Médio comp./ Sup. incomp.	27,06	19,03	22,61	18,26	43,69	56,56	6,65	6,15
Superior comp.	8,55	5,78	9,48	8,22	38,98	38,70	42,99	47,30

**Fonte: Elaborado pelas autoras com dados do Censo Demográfico**

Na tabela 3 é possível observar o cruzamento da escolaridade das mulheres que estavam em algum tipo de união com a escolaridade dos seus parceiros tanto para o ano 2000 quanto para o ano 2010. É possível verificar que as uniões homogâmicas por escolaridade para as mulheres sem instrução ou com ensino fundamental completo tanto no ano 2000 quanto no ano 2010 prevaleciam. Porém, o percentual dessas mulheres que estavam em uma união homogâmica por escolaridade reduziu nesse período, o que pode ser decorrente do nível de instrução tanto das mulheres quanto dos homens de 15 a 35 anos, o que reduz a disponibilidade de pessoas com esse nível de escolaridade.

Quanto às mulheres com ensino fundamental completo ou médio incompleto, as uniões homogâmicas por escolaridade não são tão prevalentes, sendo a porcentagem de mulheres que tinham um parceiro desse mesmo nível educacional era de 31,31% em 2000 e de 37,76% em 2010. É possível observar que essas mulheres se uniam mais com homens sem instrução ou com ensino fundamental incompleto em 2000 (46,20%), e em 2010 a proporção de mulheres com ensino fundamental completo ou médio incompleto que se uniam com homens do mesmo nível de escolaridade era basicamente a mesma do que as que se uniam com homens sem instrução ou com nível fundamental incompleto.

As mulheres com ensino médio completo ou superior incompleto que estavam em algum tipo de união nos anos 2000 e 2010 estavam principalmente em uniões homogâmicas por escolaridade, sendo que esse percentual aumentou de 43,69% para 56,56%, o que pode estar relacionado ao aumento da escolaridade da população. Como a parcela da população de 15 a 35 anos que tem ensino superior completo ainda era muito pequena em 2010 em comparação com os demais níveis de escolaridade, a homogamia entre as mulheres com ensino médio completo ou ensino superior incompleto superou a homogamia entre aquelas com ensino superior completo, tanto no ano 2000 quanto no ano 2010. Cabe também observar que a porcentagem de mulheres com ensino superior em união homogâmica por escolaridade aumentou do ano 2000 para o ano 2010, o que também corresponde com o aumento da escolaridade brasileira.

Esses achados relacionados à escolaridade das mulheres e de seus parceiros parecem ser compatíveis com o descrito por Esteve e McCaa (2007) e England (2010), onde se esperava que a maior participação feminina no mercado e os níveis educacionais mais elevados aumentasse a homogamia por educação. Além disso, ao olhar para as uniões onde as mulheres possuem um nível educacional mais elevado do que o dos homens, percebe-se que houve um aumento de 20,57% para 26,78% dessas entre 2000 e 2010. O maior aumento do nível educacional das mulheres em relação aos homens no período pode explicar essa diferença, principalmente quando se observa os níveis de escolaridade mais baixos.

Tabela 4: Parâmetros modelos log-linear 1 e 2 estimando homogamia educacional, racial e religiosa – 2000 e 2010

Educação				
Modelo 1	Modelo 2			
Geral	Sem instrução/ fund. incomp.	Fund. comp./Médio incomp.	Médio comp./Sup. incomp.	Superior completo

2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
0,692	0,461	0,378	-0,370	-1,745	-1,453	-1,387	-0,727	2,518	2,276
Raça									
Modelo 1		Modelo 2							
Geral		Branca		Preta		Parda		Outras	
2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
1,097	1,150	-0,262	0,001	-0,425	-0,600	1,940	1,725	-2,290	-1,962
Religião									
Modelo 1		Modelo 2							
Geral		Católica		Histórico Protestante		Pentecostal		Sem religião	
2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
2,060	2,287	2,178	2,344	0,216	0,170	1,346	1,752	0,768	0,936

Fonte: elaboração própria

A tabela 4 apresenta os parâmetros dos dois modelos log-lineares estimados. Observa-se no modelo 1 que a homogamia religiosa foi a maior entre as três características analisadas para ambos os anos. De acordo com os parâmetros do modelo 1, no ano de 2010, os casais tinham aproximadamente 1,6 mais chance de possuírem o mesmo nível de escolaridade do que nível educacional diferente ( $e^{0,461} = 1,586$ ). Enquanto isso, os casais tinham em torno de 3,2 vezes mais chance de serem da mesma raça do que de raça diferente. E quanto à religião, os casais apresentavam quase 10 vezes mais chance de estarem em uma união com o parceiro de mesma religião. Entre os anos 2000 e 2010, houve um aumento da chance dos casais estarem em uma relação homogâmica de raça e religião e uma redução da probabilidade de estarem em uma relação homogâmica de educação, quando comparados com casais que estão em uma união heterogâmica (quando os parceiros não possuem as mesmas características).

No modelo 2, foram incluídas as categorias de cada uma das três características (educação, raça e religião). Entre os anos 2000 e 2010, a redução da chance de estar em uma relação de homogamia educacional foi observada principalmente nos extremos, ou seja, na educação básica e na superior. A chance dos parceiros estarem em uma relação homogâmica de escolaridade superior reduziu, porém ainda se manteve alta quando comparada aos demais níveis educacionais. Quando se observa a homogamia por raça nesse mesmo período de tempo, verifica-se que houve um aumento da chance dos parceiros serem ambos brancos ou pretos, sendo esse aumento mais acentuado entre os pretos (a chance em 2000 era de 0,7 e em 2010 passou para 1,8). E para os pardos por sua vez, houve uma redução dessa chance. Por fim, analisando a homogamia religiosa, a

chance dos parceiros serem ambos católicos ou pentecostais se elevou entre os anos analisados, quanto aos históricos protestantes e os sem religião, a variação foi pequena.

## **CONCLUSÃO**

O objetivo desse trabalho foi analisar se as mudanças nas relações sociais no Brasil, principalmente no que se refere à educação, raça e religião, alteraram as preferências na escolha do parceiro entre os anos 2000 e 2010. Um dos primeiros achados do estudo foi que ocorreu uma mudança no perfil dos indivíduos de acordo com a natureza da união. As uniões consensuais se tornaram mais comuns, com um aumento da proporção daqueles que possuem ensino superior, que dobrou entre 2000 e 2010. Quando se observa esse tipo de união e a religião, os católicos continuam sendo a maioria, mas houve um aumento dos pentecostais e dos sem religião. Por fim, ao se analisar por raça, os pardos passam a ser maioria entre os que optam pela união consensual, seguidos dos brancos. A diferença entre os dois anos analisados não foi grande. Além disso, verificou-se que houve uma redução dos indivíduos que optaram pelo casamento civil e religioso, e esses deixaram de ser predominantemente sem instrução ou com ensino fundamental incompleto e passaram a ter ensino médio completo ou superior incompleto. Quando se analisa esse tipo de união de acordo com a religião, nota-se que a participação dos Pentecostais aumentou o que talvez possa ser atribuído ao aumento dos seguidores dessa religião. Em relação à raça, observa-se que houve uma redução da participação dos brancos nesse tipo de união e um aumento dos pardos.

O nível educacional no país aumentou, e, além disso, as mulheres superaram o nível de escolaridade dos homens em 2010. De acordo com Esteve e McCaa (2007), era esperado que com a expansão do sistema educacional e as mudanças nas questões de gênero observadas nas últimas décadas no Brasil, a escolha do parceiro passasse a ser mais baseada no nível educacional, pois essa seria a característica que mais reduziria as incertezas relacionadas ao sistema matrimonial. E ainda de acordo com esses autores, era esperado que a homogamia educacional aumentasse entre as pessoas que permanecessem um período maior no sistema de ensino. Porém, os resultados encontrados são contrários a essas suposições, e a chance de estar em uma relação homogâmica educacional reduziu no país entre 2000 e 2010, indicando que outros fatores seriam mais importantes na hora de escolher o parceiro, e a chance de estar em

uma relação homogâmica na qual ambos os parceiros tivessem escolaridade superior também reduziu, apesar de que em 2010 essa ainda era elevada.

Mesmo com as mudanças ocorridas, com a redução da chance de se estar em uma relação homogâmica de escolaridade em que o casal tinha nível superior ou nível básico, essas ainda eram maiores do que dos demais níveis de escolaridade. Isso corrobora com o argumento de Schwaetzman (2007) citado por Heaton e Michell de que as pessoas tendem a se atrair por outras de níveis educacionais semelhantes, o que costuma resultar em uma maior homogamia nas duas extremidades do espectro educacional.

Outro ponto interessante observado nos resultados desse estudo é referente à religião. Apesar dos católicos ainda serem a maioria no país, houve uma redução de pessoas de ambos os sexos que declaram ser dessa religião entre o período analisado, enquanto que as demais religiões tiveram aumento, principalmente das mulheres pentecostais, e os sem religião também aumentaram. Considerando esse achado, era de se esperar que a homogamia religiosa apresentasse uma redução. O aumento dos sem religião poderia sugerir o declínio da importância da identidade religiosa e da religião na escolha do parceiro. Mas, o que se observou foi um aumento da chance dos casais estarem em uma união homogâmica religiosa entre os anos estudados. Conforme exposto nos resultados, a chance dos parceiros serem ambos católicos ou pentecostais se elevou entre os anos analisados, quanto aos históricos protestantes e os sem religião, a variação foi pequena.

Em relação à raça, é possível perceber que houve uma mudança na forma de declaração por parte dos indivíduos. Houve uma redução de pessoas que se declararam brancas e um aumento proporcional das que se declararam pretas ou pardas, mostrando uma alteração na percepção dos indivíduos em relação a sua identificação racial. A chance dos casais possuírem a mesma raça aumentou. O que se verificou no período analisado foi que houve um aumento da chance dos parceiros serem ambos brancos ou pretos, sendo esse aumento mais acentuado entre os pretos e para os pardos por sua vez, houve uma redução dessa chance.

## 5. REFERENCIAS

HEATON, T; MITCHELL, C. Changing Intergroup Boundaries in Brazilian Marriages: 1991-2008. **Journal of comparative family studies**, V. 43, n. 4, p.461-482, 2012.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. Religious diversity in Brazil: Numbers and Perspectives in a Sociological Evaluation. **International Sociology**, V. 15, n. 4, p. 629-639, 2000.

BECKER, G.S. Altruism in the family and selfishness in the market place. **Economica**, V. 48, n. 189, p. 1-15, 1981.

LIEFBROER, A. C; CORIJN, M. Who, What, Where and When? Specifying the Impact of Educational Attainment and Labour Force Participation on Family Formation. **European Journal of Population**, V. 15, p. 45-75, 1999.

ESTEVE, A; GARCÍA-ROMÁN, J; PERMANYER, I. The Gender-Gap Reversal In: Education and its Effect on Union Formation: The Ende of Hypergamy? **Population and development Review**, V. 38, n. 3, p. 535-546, 2012.

GOLDIN, C. The quiet revolution that transformed women's employment, education, and family. **American Economic Review**, V. 96, n. 2, p. 1-21, 2006.

ENGLAND, Paula. The gender revolution: Uneven and stalled. **Gender and Society**, V. 24, n. 2, p. 149-166, 2010.

ESTEVE, A ; MCCA, R. Homogamia Educacional en México y Brasil, 1970- 2000: Pautas y Tendencias. **Latin American Research Review**, V.42, n. 2, p.56-86, 2007.

BELLANI, D; ESPING-ANDERSEN, G; NEDOLUZHKO, L. Never partnered: A multilevel analysis of lifelong singlehood. **Demographic Research**, V. 37, n. 4, p. 53-100, 2017.

SCHWARTZMAN, L. F. Does money whiten: Intergenerational changes in racial classification in Brazil. **American Sociological Review**, V. 72, p. 940-963, 2007.

POWERS, Daniel A; XIE, Yu. **Statistical methods for categorical data analysis**. San Diego: Academic Press, c2000. 305 p.

GOODMAN, Leo A; MAGIDSON, Jay. **Analyzing qualitative/categorical data: log-linear models and latent structure analysis**. Cambridge ; Massachusetts; Abt Books, c1978. 471p.